

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO de Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

VOL. 11 Nº 1 - JAN./DEZ. 1991

DE COMO UM GEÓGRAFO LÊ A NATUREZA EM "O CAPITAL"

Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira*

RESUMO

O modo capitalista de produção de mercadoria provoca uma alteração na forma de relação do homem com a natureza, que passa a ser utilizada como objeto de uso e consumo. Isto acontece no momento em que o aprofundamento do conhecimento (através da revolução científica) de suas leis e potencialidades, passa a fornecer as bases para a intensificação da produção.

UNITERMOS: Relação Homem-Natureza

I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao me propor uma reflexão sobre o conceito de Natureza em Marx, senti inicialmente a necessidade de expressar os sentimentos e impressões em mim suscitadas ao ler o volume I, tomo II de "O Capital".

(*) Prof.^a Departamento de Geografia - UFG.

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

Em primeiro lugar, a forma desmitificada com que a leitura foi conduzida, permitiu o rompimento de uma barreira que se coloca entre esta obra e o comum dos mortais que, no meu caso, se traduzia por uma sensação de impossibilidade ou de incapacidade de ler e compreender o referido trabalho. Esta sensação proveio, penso eu, em primeiro lugar, do fato de não possuir uma formação histórica formal (atuo na área de Geografia), pois, ao que parece, algumas ciências têm uma relação maior com o marxismo. Mas isto é uma outra história. Em segundo lugar, essa sensação pode estar ligada à mistificação que se criou em torno de Marx, pois - costuma-se ouvir por aí -, poucos são os iluminados ou privilegiados que possuem o dom de entender e traduzir - com interpretação própria -, o pensamento de Marx. Disso tudo resultou uma extensa gama de interpretação. Algumas, ao invés de ajudar, complicam ainda mais a compreensão do autor. Outras, ao contrário, são verdadeiras contribuições ao pensamento de Marx. Ora, este livro - "O Capital" - foi escrito para que operários - que não possuíam um preparo científico sofisticado ou apurado - o compreendessem. Assim não há razão para que os não iluminados, que tenham interesse pelo assunto, não possam penetrar em seus segredos. Basta que se tenha disposição para o estudo que o entendimento de Marx virá.

Após uma primeira leitura, tenho clareza de que não captei ainda os elementos necessários à compreensão da obra. Mas, a cada nova leitura, novos elementos se juntaram aos já anteriormente conhecidos e dominados e o entendimento foi se tornando mais claro e desmitificado. Foi assim que procedi. Já posso afirmar que, mesmo sem a profundidade de conhecimento que o assunto exige, Marx não é mais para mim nenhum "bicho de sete cabeças" ou algo inatingível. Entretanto, o que considero fundamental foi que, a partir dessas leituras, passei realmente a ter uma compreensão maior do método dialético, exercitado, concreto, presente em cada capítulo e em cada parágrafo da obra. Embora já tenha lido várias obras sobre o método dialético, esta foi para mim a melhor lição de metodologia no seu sentido mais amplo, pois aprendi, em "O Capital", que uma concepção teórica não está dissociada das técnicas de abordagem do real.

O que mais me impressionou foi a simplicidade com que Marx explica conceitos e processos que, à primeira vista, se apresentam (acho que isto tem a ver com o mito que se criou em torno dele) complexos, tais como: valor, dinheiro, capital... Mesmo considerando a

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

minha falta de preparo técnico, foi possível compreender o processo geral, o movimento geral e, fundamentalmente, a gênese e funcionamento da sociedade capitalista. É claro que esta compreensão resultou de um processo lento e até doloroso, pois também representou uma ruptura de conceitos pessoais, o que provocou o surgimento de uma forma nova de encarar as coisas e o mundo. Além do mais, essa ruptura me permitiu compreender os limites de minha ignorância e, ao mesmo tempo, desenvolver um pensamento muito mais universal, ao entender todo o processo geral movido pelos homens em sua realização ou sobrevivência.

Um outro aspecto que considerei importante, foi o fato de fazer uma leitura da própria obra - "O Capital" -, o que me permitiu uma elaboração direta e pessoal dos conceitos sem os filtros a que está sujeito quando se lança mão de interpretações alheias. Ora, a minha realidade, o meu momento, a minha maneira de ser, é que permitirão avaliar e utilizar os conceitos e conhecimentos que a obra pode oferecer, conforme as minhas exigências e a minha capacidade no momento vividos.

Depois destas colocações, arrisco-me a discorrer um pouco sobre como entendi, até agora, a idéia de Natureza em "O Capital". Esta preocupação ou interesse deve-se, fundamentalmente, ao fato de ser uma geógrafa que procura, através do entendimento da relação Homem-Meio numa perspectiva metodológica dialética, a explicação da "organização dos homens" no território em seu sentido amplo. Assim, tendo a clareza de que não farei uma releitura ou uma reinterpretação, mas sim procurarei extrair, ou pinçar, do conjunto dos conceitos maiores, o que me interessa particularmente, sem contudo abandonar as ligações maiores que a obra contém.

II - LEITURA

Antes de fazer quaisquer colocações, considero importante chamar a atenção para o momento histórico em que Marx se situava. Em meados do século XIX, o nível de desenvolvimento das forças produtivas e o grau de desenvolvimento e expansão do capitalismo, não colocava em questão, por exemplo, a extinção dos determinados recursos naturais (combustíveis, minerais, etc...), mesmo porque sempre exis-

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

tira, na Inglaterra, a possibilidade de fornecimento através das colônias. Esta preocupação aparecerá, entretanto, com relação à agricultura principalmente no que diz respeito à conservação do solo, pois já se conhecia o uso capitalista da terra. Assim, os recursos pareciam ilimitados, uma vez que não se prenunciava escassez ou extinção dos bens naturais.

Nos dias atuais este aspecto - extinção, escassez e conservação -, tem sido objeto de preocupações de cientistas, da sociedade organizada e até dos capitalistas. Apesar de não existir, de forma explícita, uma preocupação por parte de Marx quanto ao problema, a "crise ambiental" ainda não se prenunciava, ainda assim poderemos encontrar nele - Marx - os elementos essenciais a uma abordagem dos problemas ambientais do ponto de vista ideológico e do desenvolvimento tecnológico.

Ao longo da leitura feita pude identificar uma concepção marxiana (?) de Natureza - ou da relação homem-natureza -, dois aspectos que se integram e se completam. Um desses aspectos seria mais abrangente e o outro mais concreto e particular.

No primeiro aspecto da relação homem-natureza, observa-se a preocupação de Marx em querer explicitar o que representa a Natureza para os homens em geral, em todos os tempos, presente e futuro, já que ela - a Natureza - é tida como o suporte e o substrato material da vida. Assim sendo, a unidade do homem com a Natureza sempre existiu, e é dessa unidade que se originou toda a produção no sentido amplo. No cap. V é feita uma distinção, como se ele colocasse um divisor de águas na forma de "usar" a Natureza. No meu entender, a sua contribuição fundamental à compreensão do problema, foi o de distinguir o "antes" e o "depois" do sistema capitalista. Não está presente aqui nenhuma novidade, pois esta análise ele fez para o conjunto das forças produtivas e os meios de produção (aqui se inclui a Natureza). Mas, o que considero importante é que a Natureza(1) sempre passa ao largo das questões consideradas mais relevantes, como a tecnologia, a força de trabalho, embora ele dê, no conjunto de sua

(1) Tanto é assim que ele quase sempre coloca Natureza com letra maiúscula.

obra, a dimensão real do problema, mas sem explicitá-lo claramente.

É no processo do trabalho que se estabelece o metabolismo entre o Homem e a Natureza, ou seja, o homem exercita sua própria naturalidade, isto em todos os tempos. A distinção filosófica fundamental que ele fará entre eles é a de que o trabalho é uma atribuição exclusivamente humana, ilustrada na seguinte passagem: "uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha enverga mais de um arquiteto humano com a construção de favos de sua colméia. Mas o que distingue de antemão o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera". (2)

Um outro ponto desta questão é que aparentemente o homem domina e subjuga a natureza a partir da sua superioridade mental. O que Marx coloca é que ao fazer isto pelo trabalho, o homem está também se subordinando para realizar seu objetivo através do esforço e da vontade e de uma atividade orientada. Acredito que é por isso que ele diz que existe um metabolismo entre o homem e a natureza, ou seja, uma troca de naturalidade, que não se esgota no ato do trabalho e nem é simplesmente uma relação de dominação. Segundo esta concepção, a natureza é dotada de estruturas que nunca se dissolvem totalmente, mesmo na tentativa humana de apropriação social dela.

Um segundo aspecto de sua abordagem se refere a como o metabolismo Homem-Natureza se realizará com o advento da produção mercadorias. Esta preocupação está contida de forma mais explícita nos "Crundisses", que achei conveniente colocar aqui. Desse modo, para Marx a natureza, com o advento do capitalismo, "torna-se pela primeira vez puro objeto para o homem, pura coisa de utilidade; cessa de ser reconhecida como uma potência em si mesma; e o conhecimento teórico de suas leis autônomas, seja como objeto de consumo, seja como meio de produção" (3). Assim, através do desenvolvimento das ciên

(2) Marx, K. O Capital. São Paulo, Abril Cultural, 1983, cap. V, p. 149.

(3) Cit. por Duarte, R.A. de Paiva. Marx e a Natureza em O Capital, São Paulo, Ed. Loyola, 1986, p. 83.

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

cias da natureza e o posterior domínio tecnológico, é que o homem começará a desvendar e a descobrir os segredos e a compartimentação da natureza, objetivando a potencialização das forças e dos processos naturais para incrementar a produção ou a transformação de recursos naturais, agora não apenas em objeto de uso, mas em mercadoria. Isto quer dizer que o metabolismo entre o homem e a Natureza continuará acontecendo, só que agora com a maquinaria substituindo a rotina empírica pela aplicação da Ciência da Natureza e a consequente incorporação das forças da Natureza. Esta incorporação não significa uma desnaturalização do homem, como se antes o Homem e a Natureza fossem mais naturais⁽⁴⁾. Marx mostra isto ao afirmar que "Ao produzir, o homem só pode proceder como a própria natureza, isto é, apenas mudando a forma das matérias"⁽⁵⁾. Fica aqui claramente definido a forma como o metabolismo se dará via maquinaria, quase como um terceiro elemento, a partir de então, que pode ser concretizada com a seguinte afirmação sobre a transferência de valor: "Só na grande indústria o homem aprende a fazer o produto de seu trabalho anterior, já objetivando, atuar gratuitamente em larga escala como uma força da Natureza"⁽⁶⁾, ou seja, a maquinaria (depois de se pagar) ao trabalhar gratuitamente não incorpora valor ao produto (tal como a Natureza), o que se dará obviamente via exploração da força de trabalho, o que já uma outra discussão.

De uma forma concreta a preocupação com o "uso" que o sistema capitalista faz da natureza, no sentido de exauri-la sem se preocupar em preservá-la, está contido no cap. V quando Marx analisa os efeitos do desenvolvimento da maquinaria em geral e mais especificamente sobre a população rural. Uma constatação é que a população rural diminui grandemente e neste processo vai sendo substituída pela maquinaria. Outra é que a ciência passa a ser aplicada no campo de forma consciente e tecnológica gerando uma síntese nova entre agricultura e indústria. Deste processo resulta como ele diz, "Com a preponderância sempre crescente da população urbana que amontoa em grandes centros, a produção capitalista acumula, por um lado, a for

(4) Aqui caberia uma discussão sobre os conceitos de primeira e segunda natureza, que pretendo desenvolver posteriormente.

(5) Marx, K. op. cit. cap. Va pág. 50 a 51.

(6) _____ . cap. XIII, pág. 18.

ça motriz histórica da sociedade, mas perturba, por outro lado, o metabolismo entre o homem e a terra, isto é, o retorno dos componentes da terra consumidos pelo homem, sob forma de alimentos e vestuários, à terra, portanto a eterna condição natural da fertilidade permanente do solo" (7). Observa-se aqui uma crítica às práticas agrícolas industrializadas, intensivas e predatórias que exauram o solo, sem a possibilidade de revitalizar o ciclo natural, o que é em última análise ecológica, uma vez que ele se preocupa não só com a inviabilização da produção futura, mas principalmente com a qualidade de vida dos homens. Esta preocupação é corroborada pela seguinte observação ao afirmar que "... cada progresso da agricultura capitalista não é só um progresso na arte de saquear o trabalhador, mas ao mesmo tempo na arte de saquear o solo, pois cada progresso no aumento da fertilidade por certo período é simultaneamente um progresso na ruína das fontes permanentes desta fertilidade" (8). Observa-se aqui uma preocupação que eu diria "conservacionista" (há que se diferenciar de ambientalista e ecológica), que começa a se esboçar em seu tempo, por que ligada a uma crítica global do sistema, no sentido de que, da mesma forma que o sistema capitalista exaure a força de trabalho, também exaure a terra, como ele diz "... a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social ao minar simultaneamente as fontes de toda riqueza, a terra e o trabalho" (9).

Podemos assim concluir que o domínio tecnológico do homem sobre a natureza, que poderia ter servido para que ele se libertasse da servidão à natureza, vai engedrando aos poucos um outro tipo de servidão (ao capital) e ao mesmo tempo exaurindo a natureza.

A categoria Natureza, ao longo dos capítulos trabalhados, aparece com variadas denominações (tais como: matéria, Natureza, solo, terra, etc.) e sobre várias facetas, ora bastante clara e revelada, ora não revelada, mas implícita e embutida em determinados raciocínios. Há então a possibilidade de optar entre as várias face-

(7) Marx, K. op. cit., cap. XIII, pág. 101 a 102.

(8) _____, cap. XIII, pág. 101.

(9) _____, cap. XIII, pág. 102.

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

tas, mas sempre tendo em vista o entendimento maior do seu pensamento, ou seja, é o trabalho o elemento aglutinador e a chave de sua análise, onde o homem por sua própria ação, vontade e determinação media o seu metabolismo com a Natureza.

O que ficou evidenciado ao longo da leitura destes capítulos é que a partir da produção de mercadoria, se processa uma alteração na forma de relacionamento do Homem com a Natureza, da mesma forma que esta alteração também se dá entre os homens, em um primeiro momento. Esta alteração está presente no fato de que a natureza passa então a ser um objeto de uso e de consumo, ao mesmo tempo que o conhecimento de suas leis e de sua potencialidade fornece subsídios à intensificação da produção.

Esta função que a Natureza desempenhará para o capital, não supõe que esta seja passiva e o Homem ativo, uma vez que para Marx a "unidade entre o homem e a natureza sempre existiu", só que a cada momento da história ela se expressa e se manifesta conforme determinados pressupostos. Assim o sistema agrícola de pousio e rotação de cultura, a produção em oficinas e em fábricas são as expressões dos arranjos que o homem "impõe" à Natureza, em razão é óbvio da racionalidade e do pensar inerente ao homem. Mas também está implícito que é da Natureza que se origina toda e qualquer produção, mediada pelo trabalho humano e, é ao mesmo tempo e fundamentalmente, condição de existência do Homem.

RESUMÉ

Le mode capitaliste de production de marchandise provoque une altération dans la forme de rapport de l'homme avec la nature qui passe à être utilisée comme objet d'usage et consommation. Cela arrive au moment dont l'approfondissement de la connaissance (à travers la révolution scientifique) de ses lois et potentialités, passe à fournir (suggérer) les bases de l'intensification de la production.

BARREIRA, Celene M.A. De como um Geógrafo Lê a Natureza em "O Capital". Boletim Goiano de Geografia. 11(1).24-32. Jan./Dez.1991.

III - BIBLIOGRAFIA

1. DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. Marx e a Natureza em O Capital, Edições Loyola, São Paulo, 1986.
2. MARX, Karl. O Capital - Livro Primeiro, Tomo 1-e 2, São Paulo, Abril Cultural, 1984.